



PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA SOB O VIÉS DA ECOMOTRICIDADE: possibilidades para se pensar a educação ambiental

Thaise Melo de Almeida Alves
Universidade Federal de Sergipe (UFS)
thaimelo@academico.ufs.br

Jackeline Cristina Santos Rodrigues
Universidade Federal de Sergipe (UFS)
jackeline.c@academico.ufs.br

Josefa Graziele Santos Santana
Universidade Federal de Sergipe (UFS)
grazielesantos@academico.ufs.br

Cae Rodrigues
Universidade Federal de Sergipe (UFS)
caerodrigues@academico.ufs.br

GT 1: Instrumentação e vivências em Educação Ambiental

Palavras-chave: EDUCAÇÃO ESCOLAR; CURRÍCULO; AMBIENTALIZAÇÃO CURRICULAR.

RESUMO

O objetivo do trabalho é apresentar a temática das Práticas Corporais de Aventura, adotada pela Base Nacional Comum Curricular para o desenvolvimento de temas ambientais na Educação Física, sob o viés da ecomotricidade, focando o potencial desse viés para se pensar a educação ambiental. Para a melhor contextualização do campo,

apresentamos três estudos de caso que buscam evidências sobre as possibilidades e limitações ecopedagógicas em experiências lúdicas com a natureza. Os resultados destes estudos têm grande potencial para o questionamento de estruturas vigentes de educação ambiental em contextos de pesquisa e de ensino em contextos formais e não-formais.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem como objetivo apresentar a temática das Práticas Corporais de Aventura (PCA) sob o viés da ecomotricidade, focando o potencial desse viés para se pensar a educação ambiental (EA). O termo PCA é uma das diversas terminologias adotadas no Brasil para caracterizar vivências lúdicas na natureza. A discussão sobre esta diversidade de terminologias é importante, pois remete à pluralidade de manifestações lúdicas possíveis na natureza, por exemplo, esportivas, recreativas, contemplativas, pedagógicas e de aventura (para uma discussão mais abrangente sobre esta e outras terminologias, sugere-se a leitura de Dias, 2007 e Pimentel, 2013). Ao se adotar uma destas definições se define também, ao menos em parte, as características gerais da inter-ação corpo-meio ambiente que será desenvolvida em uma vivência particular. Optamos por trazer a discussão no âmbito das PCA, pois esta foi a terminologia escolhida para integrar as orientações da Base Nacional Curricular Comum (BNCC, 2018) para o curso de Educação Física (EF), definição significativa para a compreensão mais geral das características valorizadas como importantes para o desenvolvimento das vivências lúdicas na natureza em contextos curriculares no Brasil.

A crítica que trazemos neste texto sobre a definição das PCA como tema a ser desenvolvido em contextos curriculares se constitui, especialmente, a partir das limitações (eco)pedagógicas da aventura. Tais limitações estão relacionadas, sobretudo, ao imaginário prático constituído historicamente em contextos de aventura, desde os discursos românticos dos grandes aventureiros excursionistas do início do Século 19, passando pelas escolas de educação ao ar livre estabelecidas na primeira metade do Século 20 com base na moral militar e excursionista, até o desenvolvimento moderno dos esportes de aventura com base nas dinâmicas (elitistas) da esportivização (RODRIGUES, 2019b). Compreendendo a necessidade do desenvolvimento de experiências corporais lúdicas na natureza a partir de vivências centradas em preceitos ecopedagógicos, especialmente em contextos escolares, propomos a base conceitual,

metodológica e pedagógica da ecomotricidade (RODRIGUES, 2018; 2019a), caracterizada a partir de corpos inter-agindo como natureza. Os significados sensoriais-afetivos incorporados a partir desta interação são generativos no sentido da práxis ecológica (ecosomaestética-ambientalmente ética-ecopolítica) (RODRIGUES, 2018).

Reconhecendo a contínua problemática do distanciamento entre teoria e prática (PAYNE, 2018) e do abstratismo teórico nos estudos de EA (PAYNE, 2020), assim como as consequências dessa problemática como limitação para o desenvolvimento da EA como práxis (RODRIGUES et al., 2020), apresentaremos três exemplos empíricos de pesquisas que vêm sendo realizadas no âmbito das PCA sob o viés da ecomotricidade, duas como trabalhos de conclusão de curso (monografias) do Departamento de Educação Física (DEF) da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e uma como tese de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA), programa interdisciplinar e em rede.

O texto segue a seguinte estrutura de apresentação: a) Introdução, na qual apresentamos os objetivos do trabalho, uma breve discussão teórica sobre a problemática desenvolvida e a estrutura do texto e; b) A seção 1: “O corpo sobre duas rodas: sinergia entre espacialidade e práxis ecológica”, na qual apresentamos o exemplo da tese de doutorado em desenvolvimento no PRODEMA; c) A seção 2: “A pesca como PCA da Educação Física escolar no ensino fundamental”, como meio de educação ambiental, na qual apresentamos o primeiro exemplo de pesquisa realizada como monografia no DEF; d) A seção 3: “As inter-relações entre a EA e as PCA: um estudo de caso do projeto transformasurfê”, na qual apresentamos o segundo exemplo de pesquisa realizada como monografia no DEF; e) Considerações, na qual resumimos o apresentado e projetamos possibilidades futuras.

SEÇÃO 1: O CORPO SOBRE DUAS RODAS: SINERGIA ENTRE ESPACIALIDADE E PRÁXIS ECOLÓGICA

Entre os efeitos comuns associados ao crescimento das cidades está o aumento do trânsito devido ao aumento na quantidade de veículos. A estrutura urbanística das grandes cidades dificilmente consegue suportar esse crescimento de forma a evitar congestionamentos, sendo as principais dificuldades a velocidade da expansão da frota de veículos, a falta de espaço físico para suportar essa crescente demanda e a falta de

recursos financeiros para construir novas estruturas de trânsito. A bicicleta como modo de transporte urbano pode ser um caminho viável para minimizar o problema, especialmente em cidades com características geográficas e climáticas favoráveis ao ciclismo.

A finalidade de ciclovias na cidade são, em especial, auxiliar no escoamento do trânsito, facilitar o deslocamento através da cidade e a função recreativa. Peguemos como exemplo a cidade de Aracaju, capital do estado de Sergipe, cidade bastante plana no relevo e com clima quente todo o ano, características que favorecem o ciclismo. Apesar da presença de ciclovias em Aracaju, a implementação de um sistema eficiente para o uso de bicicletas na cidade não parece ser uma prioridade da gestão pública. Para incentivar o uso da bicicleta na cidade de Aracaju as ciclovias atualmente precisam passar por manutenção, revitalização e ampliação (ANDRADE, 2018). Destaca-se também a falta de sistemas de compartilhamento público de bicicletas, como encontrado em diversas capitais do mundo. Isso desde a desativação do “Caju Bike”, projeto criado em 2014 por duas empresas privadas que visavam promover a mobilidade urbana sustentável tendo como objetivos (a) introduzir a Bicicleta como modo de transporte público saudável e não poluente; (b) combater o sedentarismo da população e promover a prática de hábitos saudáveis; (c) reduzir os engarrafamentos e a poluição ambiental nas áreas centrais da cidade; (d) promover a humanização do ambiente urbano e a responsabilidade social das pessoas (CAMPUS, et al, 2016). Há no presente momento uma ciclovia sendo construída como parte do projeto “Orla Sul” que se estende para a Zona de Expansão da capital, mas como ainda está em construção não podemos compreender quem fará uso desta ciclovia e qual será a natureza deste uso.

De maneira geral, apesar de ter características favoráveis ao ciclismo, Aracaju ainda não possui características de uma cidade ciclável, afirmação sustentada pelo estudo realizado por Andrade em 2018. Para medir o quanto uma cidade é ciclável, o quanto ela é boa ou ruim para o uso da bicicleta como modo de transporte, foi criado o conceito de ciclabilidade. O termo é utilizado com relação a fatores associados ao ato de pedalar na cidade, à rota escolhida e aos aspectos que envolvem a interação do ciclista com a bicicleta que afetam as condições de uma viagem específica. Diversos fatores influenciam a ciclabilidade da cidade: o clima, o relevo, as barreiras físicas, o tamanho da cidade, o tipo de ocupação e uso do solo, a poluição sonora e do ar, a segurança das vias, a seguridade pessoal, a infraestrutura cicloviária e a cultura (WAHLGREN, 2011).

Compreendemos que tanto o ciclismo como alternativa e complemento ao transporte (modo de vida) como o voltado para vivências mais esporádicas de lazer (estilo de vida) estão relacionados ao conceito de ciclabilidade. Além das condições climáticas e geográficas da cidade, ciclovias devidamente estruturadas podem motivar o uso da bicicleta para o transporte na cidade como também para o lazer, possibilitando através dessas vivências uma potencial sinergia com o meio ambiente. Compreendendo tal relação, uma pesquisa de doutorado em desenvolvimento no PRODEMA busca responder a seguinte questão: Como as experiências dos ciclistas que utilizam a bicicleta como modo de vida e como estilo de vida possibilitam a incorporação do habitus ecológico? A pesquisa tem como objetivo geral analisar a relação corpo-meio ambiente a partir das experiências dos ciclistas da cidade de Aracaju. Para tanto, os objetivos específicos são: (a) compreender de que forma as experiências dos ciclistas como modo de vida e estilo de vida possibilitam a incorporação do habitus ecológico; (b) compreender as coincidências e diferenças entre os ciclistas pesquisados em relação ao habitus ecológico; (c) analisar como as experiências com o ciclismo podem possibilitar práticas ecopedagógicas.

O recorte espacial da pesquisa é a cidade de Aracaju. A população/amostra contempla sujeitos que utilizam a bicicleta como meio de transporte (modo de vida) e sujeitos que utilizam a bicicleta em seu tempo de lazer (estilo de vida). A pesquisa tem caráter descritivo-explicativo com abordagem qualitativa. Os instrumentos e metodologias utilizados para coletar os dados são entrevistas e etnografias em movimento. A categorização dos dados evidencia possibilidades e limitações do ciclismo como propulsor do habitus ecológico, fomentando bases importantes para a discussão sobre o potencial do ciclismo como ação ecopedagógica e curricular, especialmente no contexto das PCA.

SEÇÃO 2: A PESCA COMO PCA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL COMO MEIO DE EA

A preocupação com a degradação do meio ambiente tem sido temática de urgência crescente nas últimas décadas. Como tal, a discussão sobre como a temática deve ser retratada nos currículos escolares vem sendo desenvolvida em estudos de diversas áreas, especialmente na perspectiva da ambientalização curricular, processo pelo qual o currículo incorpora o discurso ambiental em suas diversas esferas (ensino,

pesquisa, extensão) (RODRIGUES; PAYNE, 2017). Na área de Educação Física (EF) o tema vem sendo desenvolvido na perspectiva das PCA, que perpassa a EF escolar desde o ensino fundamental até o ensino médio a partir de vivências sugeridas tanto na cidade, como a prática do skate, ciclismo, patins, entre outros, como também fora da cidade, como trilhas em áreas de conservação, surfe, escalada, mountain bike, entre outros.

A definição que se dá às PCA, segundo a BNCC, é: “[...] expressões e formas de experimentação corporal centradas nas perícias e proezas provocadas pelas situações de imprevisibilidade que se apresentam quando o praticante interage com um ambiente desafiador [...]” (BRASIL, 2018. p.218). De acordo com essa definição, uma pesquisa sendo realizada no DEF da UFS aborda o potencial da pesca como representação de PCA, tendo como foco um olhar também para as possibilidades de EA associadas à pesca. Para tanto, a pesquisa relaciona à pesca o conceito de ecomotricidade, compreendendo a pesca como contexto de inter-ação lúdica e ecológica com o meio (RODRIGUES, 2018; 2019). Nesse sentido, compreende o potencial ecopedagógico da pesca como tema para se discutir questões importantes relacionadas à conservação ambiental (impactos do esporte no meio; relação da prática de caça com a criação de significados ambientais; conservação do meio para uso recreativo e esportivo; entre outros), assim como vivência lúdica e ecológica em contextos curriculares.

SEÇÃO 3: AS INTER-RELAÇÕES ENTRE A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E AS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA: UM ESTUDO DE CASO DO PROJETO TRANSFORMASURFE

A EA se apresenta como possibilidade de atuação (eco)pedagógica diante das problemáticas ser humano-natureza. Como tanto, a EA deve compor, de forma constante e agregada, as dinâmicas curriculares em todos os níveis de ensino, sendo abordada como conteúdo transversal e interligado aos demais componentes curriculares (BRASIL, 1998). A escola estrutura-se, assim, como indispensável para proporcionar o acesso à EA, a fim de possibilitar a compreensão coletiva (formação cidadã) da necessidade da conservação do meio ambiente, considerando-o como um bem comum a todos.

Diante deste contexto histórico de demanda por projetos escolares de EA, que é sustentado por documentos legais, o estudo “As inter-relações entre a EA e as PCA” investiga o projeto “Transformasurfe”, desenvolvido em uma escola do município de

Aracaju. A questão orientadora da pesquisa é: “De que maneira o projeto Transformasurfe vem estabelecendo ações pedagógicas acerca do que a BNCC institui em relação ao tema contemporâneo de EA e a unidade temática de PCA? ”. Isso implica em uma análise detalhada das ações do projeto buscando compreender como tais ações dialogam, ou não, com (a) a construção histórica da EA, inclusive em documentos da EF (escolar); (b) a construção histórica das PCA, incluindo suas conceituações atuais nos documentos norteadores da EF; (c) a construção histórica da sinergia entre o campo da EA e o campo da EF (ver, por exemplo, RODRIGUES; PAYNE, 2017).

A pesquisa consiste, assim, em um estudo de caso do projeto Transformasurfe e tem como abordagem analítica dos dados a Análise Textual Qualitativa (MORAES, 2003). Os instrumentos e procedimentos utilizados para a coleta de dados são: (a) análise documental do projeto; (b) entrevista com o coordenador do projeto; (c) observação direta das aulas; e (d) análise das postagens do projeto na rede social Instagram. Todos os dados são transformados em descrições textuais em forma de narrativas que podem ser analisadas a partir do método proposto, incluindo o processo de categorização. As categorias evidenciam aspectos importantes sobre possibilidades, limitações e pontos silenciosos do projeto em suas relações com a EA e com as perspectivas (eco)pedagógicas das PCA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O potencial ecopedagógico das experiências lúdicas na natureza tem despertado o interesse de pesquisadores e educadores da área de EF. Esta afirmação é sustentada pela curva ascendente de produções científicas e de ações curriculares na área que abordam as questões ambientais, especialmente, nas últimas duas décadas (RODRIGUES, 2019b). No entanto, ainda há um foco majoritário de abordagens que relacionam as questões ambientais com temáticas tradicionais da EF, como saúde, lazer e, especialmente, esporte, sendo esta última historicamente vinculada ao conceito de aventura (RODRIGUES, 2019b). Esta relação histórica justifica, em grande parte, a adoção da terminologia de PCA pela BNCC, fortalecendo ainda mais a associação entre a aventura e as experiências na natureza, inclusive em contextos pedagógicos da EF.

Considerando as limitações da aventura para o desenvolvimento de vivências ecopedagógicas, já discutidas na introdução deste trabalho (para discussão mais detalhada, sugere-se a leitura de Rodrigues, 2019b), trazemos neste trabalho três estudos

de caso que investigam vivências relacionadas a interações lúdicas com a natureza. Os estudos de caso trazem contextos distintos: o ciclismo como vivência lúdica (estilo de vida) e como vivência cotidiana (modo de vida), a pesca como experiência lúdica e o surfe como experiência curricular. Porém, todos os estudos têm como objetivo comum evidenciar possibilidades e limitações ecopedagógicas destas vivências (ciclismo, pesca, surfe), contrastando como estas possibilidades e limitações dialogam com o conceito de PCA e com o conceito de ecomotricidade. Os resultados das pesquisas trazem, mais amplamente, importantes contribuições no âmbito dos estudos filosóficos, antropológicos e sociológicos das relações ser humano-natureza e, mais especificamente, pontos de alta relevância para a construção de processos de ambientalização curricular na EF. Tanto no âmbito da pesquisa como do ensino, estas contribuições estão diretamente relacionadas ao potencial amplo de desenvolvimento prático da EA, não sendo restrito à EF e abrangendo dimensões formais e não-formais.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, J. W. C. **Desenvolvimento de um índice para a avaliação da ciclabilidade na cidade de Aracaju**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente – Prodema, UFS, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC / SEF, 1998.

CAMPOS. A. C. SANTOS. C. A. J. S; SANTOS. L. A. C. A. Cicloturismo: Mobilidade Urbana e valorização do turismo da cidade de Aracaju-Sergipe. **Revista de Direito da Cidade**, v.8, n.4. 2016.

DIAS, C. A. G. Notas e definições sobre esporte, lazer e natureza. **Licere**, v. 10, n. 3, p. 1-36, 2007.

MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Cienc Educ.**, v.9, p.191-211, 2003.

RODRIGUES, C. A ecomotricidade na apreensão da natureza: inter-ação como experiência lúdica e ecológica. **Desenvolv. Meio Ambiente**, v. 51, Seção especial: Técnica e Ambiente, p. 8-23, 2019a.

RODRIGUES, C. **Atividades alternativas e meio ambiente**. Editora e Distribuidora educacional S.A.: Londrina, 2019b. 184 p.

RODRIGUES, C. Movement Scapes as ecomotricity in ecopedagogy. **The Journal of Environmental Education**, v.49, n.2, p.88-102, 2018. doi: 10.1080/00958964.2017.1417222

RODRIGUES, C.; PAYNE, P. Environmentalization of the physical education curriculum in Brazilian universities: Culturally comparative lessons from critical outdoor education in Australia. **Journal of Adventure Education and Outdoor Learning**, v.17, n.1, p.18–37, 2017.

RODRIGUES, C., PAYNE, P., LE GRANGE, L., CARVALHO, I. C. M., STEIL, C. A., LOTZ-SISITKA, H., & LINDE-LOUBSER, H. Introduction: “New” theory, “post” North-South representations, praxis. **The Journal of Environmental Education**, v.51, n.2, p. 97–112, 2020.

PAYNE, P. “Amnesia of the moment” in environmental education. **The Journal of Environmental Education**, v.51, n.2, p.113–143, 2020.

PAYNE, P. et al. Affectivity in environmental education research. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v.13(Especial), p.93-114, 2018.

PIMENTEL, G. Esporte na Natureza e Atividade de Aventura: uma terminologia aporética. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, v. 35, n. 3, p. 687-700, 2013.

WAHLGREN, L. **Exploring bikeability in a metropolitan setting**: stimulating and hindering factors in commuting route environments. School of Health and Medical Sciences: Örebro University, 2011.